



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COMO CIÊNCIA

Betina Magalhães Bitencourt¹
Sidinei Rocha-de-Oliveira²

RESUMO

A Administração é uma ciência, no sentido de campo do conhecimento, genuinamente ideológica. A partir desta afirmação, que serve, sobretudo, como reflexão a nós pesquisadores desta área, apresentamos este ensaio, com bases escritas de Pêcheux a respeito da Ideologia, principalmente sua análise e reflexão da situação teórica das ciências sociais. Frente a isso, buscamos discutir acerca do início dos estudos em Administração como área de conhecimento e de suas principais bases “teóricas”, além do cenário que permitiu o seu desenvolvimento. Primeiramente, buscamos explorar o conceito de ideologia presente na obra de Pêcheux e como o autor a vincula com a construção do conhecimento científico. Pêcheux defende que as ideologias presentes na construção científica não se estabelecem estritamente no campo teórico, mas nas práticas que por sua vez estão relacionadas com as relações sociais. Analisamos ainda a constituição do campo da Administração como área de conhecimento, esta “ciência” surge e ganha espaço para que o administrador fosse capaz de manejar técnicas destinadas a obter o máximo de rendimento dos recursos, evidenciando-se como uma criação que visa atender a uma demanda social própria do atual desenvolvimento do capitalismo. Por fim, espera-se que estas reflexões sirvam para instigar os pesquisadores desta área a fazerem reflexões mais profundas sobre o objeto de seu interesse quando se lançam às suas pesquisas a respeito de uma influência da ideologia na concepção das principais teorias da Administração, bem como para analisar quadros teóricos de temas específicos da área.

Palavras-chave: Administração; Ideologia; Ciências Sociais.

Reflexões preliminares sobre a constituição da Administração como Ciência

O conhecimento científico produzido em diferentes campos de estudo, fato característico da era moderna, afirma a pretensão de construção de verdades, de permitir ao homem entender as “regras” que indicam o funcionamento das “coisas do mundo”. Nas ciências naturais, a presença de leis que possibilitam acompanhar e prever a ocorrência dos fenômenos contribuiu para a formação de um senso científico onde modelar, mensurar, quantificar constituem os elementos centrais do pensar. A transmissão desta forma de pensar para as ciências sociais leva os pesquisadores a buscarem constantemente modelos que permitam a compreensão da sociedade e das organizações e consigam prever a ação dos indivíduos.

No campo da Administração ainda predomina uma concepção de ação administrativa assentada na racionalidade funcional e na lógica do mercado (GUERREIRO

¹betina_mb@yahoo.com.br

²sroliveira@ea.ufrgs.br



RAMOS, 1983; 1996 [1965]), ocasionando a produção de um saber pautado no utilitarismo e na construção de uma verdade que tende a aprofundar esta lógica. Para Guerreiro Ramos (1983, p.11), a subordinação da teoria administrativa aos pressupostos da sociedade de mercado agrava a situação de problemas sociais, fruto da incapacidade do “homo organizacional” de repensar a influência desfiguradora dessa lógica na vida humana e na ecologia, fato que “está dificultando o atualização de possíveis novos sistemas sociais necessários à superação de dilemas básicos de nossa sociedade”. A questão relativa ao posicionamento ético do pesquisador nessa área de estudo, posto que seu compromisso, nos termos de Guerreiro, é pensar a atuação do administrador no seu papel de agente ativo de mudanças sociais, requer uma discussão mais aprofundada, sendo isto válido para trabalhos que explorem novos caminhos para a construção científica no campo de estudos referido.

O ponto de partida desta reflexão consiste, em essência, questionar essa verdade universal sobre a qual, desde então, tem se fundado a ciência. A partir de Pêcheux (1995 [1967]; 2011 [1984]; 2011b [1966]), sobretudo a análise e reflexão deste acerca da situação teórica das ciências sociais e sua relação com as formações ideológicas, este ensaio busca refletir acerca do início dos estudos em Administração como área de conhecimento e de suas principais bases “teóricas”, além do cenário que permitiu seu desenvolvimento.

Assim, este trabalho se estrutura em três seções. A primeira busca explorar o conceito de ideologia presente na obra de Pêcheux e como o autor a vincula a construção do conhecimento científico. A segunda analisa a constituição do campo da Administração como área de conhecimento e, finalmente, nas considerações finais busca-se traçar algumas reflexões com vistas a instigar os pesquisadores da área de Administração quando se lançam nas suas pesquisas.

1A ideologia na construção do conhecimento científico: contribuições de Pêcheux

A obra de Pêcheux é herdeira do pensamento marxista tendo como Althusser, sobretudo o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado, local em que se situam as lutas de classe. As posições políticas e ideológicas em confronto constituem as formações ideológicas que estabelecem entre si relações antagônicas de aliança ou dominação (SILVA, 2009). Nessa direção, a ciência também aparece envolvida em ideologia, como destaca o autor:

A proposição geral sobre a qual nos apoiamos é que toda ciência – qualquer que seja seu nível atual de desenvolvimento e seu lugar na estrutura teórica – é produzida por um trabalho de mutação conceitual no interior de um campo conceptual ideológico em relação ao qual ela toma uma distância que lhe dá, num só movimento, o conhecimento das errâncias anteriores e a garantia de sua própria cientificidade. Nesse sentido, toda ciência é



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

inicialmente ciência da ideologia da qual ela se destaca (PÊCHEUX, 1995, p. 63-64).

Como evidencia o autor, toda ciência é ideológica, representando o estágio de discussão das práticas ideológicas de seu campo em determinado tempo e espaço. Essa transformação do objeto da ciência ocorre em dois momentos. O primeiro se dá pela palavra, pelas formas permitidas e não permitidas de expressar o conhecimento do campo. Este momento se dá pela discussão teórica-conceitual com vistas a se afastar e diferenciar-se do discurso comum, naturalizado. Já o segundo ocorre “pela reprodução metódica” do seu objeto, mostrando empiricamente os fenômenos que a ciência se propôs a testar e confirmar, ou seja, dar visibilidade e maior visibilidade para o conceito teoricamente construído. Essa articulação faz um caminho da prática à teoria, permitindo a construção de um discurso próprio, que ao retornar ao campo empírico já se apresenta de modo diferente, embora possa estar envolvido na mesma formação ideológica (PECHEUX, 2011b).

Ao analisar as ciências sociais, com destaque a psicologia social, Pêcheux (2011b, p. 24) aponta que estas estão “em vias de desenvolvimento” devendo ser analisada como ocorre a prática científica. Assim o autor parte do conceito de prática, que considera “todo processo de transformação de uma matéria-prima dada em um produto determinado, transformação efetuada por um trabalho humano determinado, utilizando meios de produção determinados”. A seguir, propõe uma diversidade de práticas (sintetizadas no Quadro I, abaixo) que permitiriam compreender como a articulação da ideologia ocorre na prática científica:

Quadro 1 – Práticas que permitem compreender a articulação da ideologia na prática científica

Prática	Definição
Técnica	Transformação de matérias-primas extraídas da natureza – ou produzidas por uma técnica preliminar – em produtos técnicos, por meio de instrumentos de produção determinados
Política	Transformação de relações sociais dadas em novas relações sociais produzidas por meio de instrumentos políticos
Ideológica	Transformação de uma “consciência” dada em uma nova “consciência” produzida por meio de uma reflexão da consciência sobre si própria
Teórica	Transformação de um produto ideológico em conhecimento teórico, por meio de um trabalho conceitual determinado. O desligamento da teoria em relação à ideologia constitui o “corte epistemológico
Social	O conjunto complexo de práticas indeterminadas, no interior de um todo social dado. A prática social de uma sociedade admite como fator dominante seu modo de produção
Empírica	Vida concreta dos homens (Althusser), a relação concreta entre a prática técnica e a prática política em uma sociedade

Fonte: Adaptado de Pêcheux (2011b)



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Para Pêcheux (2011b) a prática empírica e a ideológica estão interligadas, não havendo ruptura entre elas por não haver diferença no conhecimento produzido. Já entre a prática ideológica e a teórica há ruptura na medida em que se constrói conhecimento científico. No caso das ciências sociais esta ruptura ocorreu no momento em que se afastaram da Filosofia, deixando de se pautar por uma base de reflexão aplicada e dando espaço para a experimentação, quantificação e busca por construção de modelos como forma de construção do conhecimento científico. Desta forma, as ciências sociais deixaram de orientar-se pela reflexão sobre a subjetividade jurídica, moral, religiosa e artística e partiram para a busca de construção de verdades por meio da técnica objetiva das ciências naturais. Mais adiante, ao analisar a formação dos conteúdos ideológicos, o autor afirma que:

Os **conteúdos ideológicos** existem em continuidade com as práticas técnica e política, o segredo que cerca a ideologia tem, então, alguma coisa a ver com as próprias práticas, em seu desenvolvimento próprio e em suas relações recíprocas (PÊCHEUX, 2011b, p. 29).

As práticas técnicas apresentam questões e respostas que surgem das práticas sociais. A prática política tem como matéria prima para a transformação as relações sociais e o instrumento utilizado é o **discurso**: “como sistema articulado que remete à prática social complexa. A prática política tem por função transformar as relações sociais reformulando a demanda social por meio de um discurso” (PÊCHEUX, 2011b, p.35).

Como se observa, para Pêcheux (2011b) as ideologias presentes na construção científicas não se estabelecem estritamente no campo teórico, mas nas práticas que por sua vez estão relacionadas com as relações sociais. Estas condições que marcam tanto o espaço social quanto o científico podem se alterar no tempo e espaço, pois são marcadas pelas contradições decorrentes das relações de produção.

Ainda sobre a relação das ciências sociais e a ideologia Pêcheux (1995) destaca:

Assim se constituiu pouco a pouco um arsenal teórico-prático de meios técnico-políticos com a finalidade de responder a uma "demanda" que emanava da formação social existente, visando a lhe adaptar-readaptar as relações sociais reais. O conjunto desses meios teóricos e práticos constitui, em seu conjunto, uma "matéria prima" ideológica que pode e deve ser teoricamente transformada. Este último ponto é fundamental. Com efeito, se toda ciência é ciência de uma ideologia, a "ciência das ideologias" não pode escapar a esta lei. Ela não tem então por objeto primeiro uma realidade que seria a ideologia sob suas diversas formas "naturais", mas uma teoria ideológica da ideologia. As "ciências sociais", em seu estado atual, produzem globalmente esta teoria, e é esta sua maior "utilidade" teórica (PÊCHEUX (1995, p. 67).



Assim, na compreensão do papel que as ciências sociais pretendem desempenhar no conjunto da prática social encontramos os sujeitos como elementos centrais ao mesmo tempo vivendo a prática social e contribuindo coletivamente para sua transformação. Assim, as ciências sociais não representam nem puramente técnica nem ideologia, mas “mas da inter-determinação de uma técnica e de uma ideologia concernente às relações sociais (objeto da prática política)” (PÊCHEUX, 2011b, p. 41). Assim, as ciências sociais são uma técnica aplicada à ideologia das relações sociais, tendo por objetivo responder a uma demanda social.

(...) a “realidade” que uma ciência se dá a transformar, a “matéria-prima” de sua prática, não é o real tal como assinalado, realizado, pela ideologia, mas a própria ideologia, a unidade paradoxal do discurso fragmentado. Toda prática científica desenvolve-se então sobre uma linha teórica própria, à distância do real ao qual a ideologia “trabalhada” acreditava ter com que se haver: a prática científica goza assim de propriedades singulares, que marcam sua diferença (PÊCHEUX, 2011b, p. 45-46).

Essa liberdade dada a uma ciência nascente o autor chama de “aventura teórica”. Enquanto uma ciência não enuncia seu objeto ela não fará sua reprodução, mas uma vez que este seja enunciado, ela precisa confrontar seu discurso com o próprio objeto para mostrar sua importância e sua razão de existir. Segundo Pêcheux (2011b), os instrumentos (nem sempre científicos) são apropriados quando um dispositivo experimental é importado de um ramo da ciência para outro, sendo encontrados pelas ciências sob sua forma técnica e reinventados sob sua forma científica. Assim, devido a abundante presença tecnopolítica das ciências sociais, o autor indica o vazio teórico no qual uma ciência das ideologias seria relevante.

Como se observa, para Pêcheux (2011b) as ciências sociais abandonaram a reflexão sobre a ideologia de sua prática, apresentando um caminho perigoso em que buscam se formar como um campo científico que vai responder às demandas do social assumindo um distanciamento e a possibilidade de construção de verdades. No entanto, sendo a ciência também uma prática social, marcada por práticas técnicas e políticas é também uma reprodutora da ideologia por meio do discurso. Este discurso é construído por meio deste distanciamento do campo empírico e da reflexão teórica, que, embora apresente a construção de conhecimento, permanece sendo ideológica. Como auxílio das leituras de Pêcheux (1995; 2011; 2011b) sobre ideologia e as ciências sociais, na próxima seção apresentamos algumas reflexões sobre a influência da ideologia na concepção das principais teorias da Administração.

2A formação da Administração como ciência



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Aqui iremos considerar a ideologia, uma vez que argumentamos que a Administração é uma ciência¹ genuinamente ideológica desde a sua concepção, ainda que muitos profissionais e acadêmicos da área ignorem ou não reconheçam tal pressuposto. Consideramos a Administração uma prática teórica, conceito este elaborado por Pêcheux (2011), pois esta é um produto ideológico transformada em conhecimento teórico, por meio de um trabalho conceitual determinado. A principal base para este argumento é o contexto em que surge e torna propício o desenvolvimento da Administração, o sistema capitalista.

Por capitalismo, entende-se “a exigência de acumulação ilimitada de capital por meios formalmente pacíficos” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009 [1999], p. 35), assim, busca-se repor constantemente os investimentos no circuito econômico para obter lucro, com o objetivo de aumentar o capital, que será reinvestido, criando um ciclo que se repete continuamente. Essa dinâmica cria uma inquietação e dá aos capitalistas um forte motivo para continuar, de maneira permanente, o processo de acumulação.

Podemos dizer que as origens do sistema capitalista, pelo menos na forma como vemos mais atualmente, estão na Revolução Industrial, ocorrida em meados do século XVIII no Reino Unido. Neste período, encontramos as primeiras respostas ideológicas sob a forma de teorias sociais, com relação às condições institucionais da sociedade industrial global. Pensadores, como H. Saint-Simon (1760-1825), R. Owen (1771-1858) e C. Fourier (1772-1837) marcaram este período com a elaboração de modelos macrosociais e, juntamente com P. J. Proudhon (1809-1865) e K. Marx (1818-1883), são considerados os precursores também das teorias organizacionais (TRAGTENBERG, 1971; MOTTA, 1986).

Estes autores, cada um a sua maneira, contestavam a ordem imposta pelo sistema capitalista. Saint-Simon, entretanto, confiava na capacidade industrial de administrar e assim solucionar os problemas sociais; para ele todos os povos deveriam passar do regime governamental, feudal e militar para o regime administrativo, industrial e pacífico (TRAGTENBERG, 1980 [1974]). Fourier e Owen apontavam alguns problemas na sociedade, tais como as consequências da exploração dos trabalhadores por parte dos industriais. Porém, apesar de críticos quanto à sociedade, não chegaram a questionar realmente a existência do mercado e o modo de produção capitalista (FLORES, 2006).

Proudhon e Marx questionaram o mercado como base econômica da sociedade, vendo o sistema capitalista como uma ordem de exploração e dominação, por meio da divisão do trabalho. Proudhon defendia ideais libertários, por meio de coletivos autogestionários, autônomos perante o Estado, enquanto Marx defendia a tomada do poder pela classe operária (FLORES, 2006).

A resposta à Revolução Industrial na Inglaterra, França e Alemanha será fornecida pelos teóricos Saint-Simon, Proudhon, Fourier e Marx, que contestarão a nova ordem das coisas num nível global, ou seja, na procura de um modelo de sociedade global

¹ No sentido de campo do conhecimento.



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

que seja a negação daquela que emergiu com a Revolução Industrial (TRAGTENBERG, 1980, p. 62).

Na Segunda Revolução Industrial (fim do século XIX), marcada principalmente pela introdução da eletricidade, surgiram os conglomerados empresariais e os Estados Unidos despontam como potência mundial. A partir de então, ocorre uma mutação das teorias globais, para as teorias micro-industriais, como a Teoria Clássica da Administração, sobretudo pelos estudos de F. Taylor (1856-1915) e H. Fayol (1841-1925) (TRAGTENBERG, 1971; 1980).

O contexto do surgimento da Administração como “ciência” se dá neste período, com o aumento da dimensão das empresas, ao introduzir a separação das funções de direção e execução. Assim, da mesma maneira que a produção em massa exigia um número crescente de trabalhadores na produção, exigiu também um número considerável de administradores, para planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar as operações (MOTTA, 1986); ou seja, a partir do momento em que a necessidade era de controle e aumento da produção, não por acaso surgiram métodos para satisfazer essas exigências (FLORES, 2006).

Taylor se destacou com a publicação dos “Princípios da Administração Científica”, um conjunto de princípios com o objetivo de aumentar a produtividade operacional, que se tornou a base da Teoria Geral da Administração. Considerado como o primeiro “cientista da Administração”, baseou-se na aplicação de métodos científicos, buscando a máxima eficiência, por meio da observação e mensuração (cálculo de tempos e movimentos) e de incentivos econômicos. Para Taylor, os trabalhadores eram preguiçosos, com baixo nível de compreensão e, portanto, eram os responsáveis pela baixa produtividade. Por isso, considerou a importância do alinhamento dos objetivos individuais com os organizacionais, defendendo a lucratividade máxima, custos mínimos de produção e perda zero. Segundo o autor, os trabalhadores reagem porque queriam receber os estímulos financeiros imediatos (TAYLOR, 1995 [1911]).

O primeiro elemento da Administração Científica se refere ao desenvolvimento de estudos para ocupação do cargo, o segundo se refere à necessidade de excelência na seleção de pessoal, o terceiro é a escolha dos melhores e dispensa dos piores, e o quarto preconiza uma divisão de responsabilidades. Dentre estes elementos, destacam-se a cuidadosa seleção do trabalhador, a orientação minuciosa da tarefa e a instrução de execução. O autor defende que “há uma ciência de carregar lingotes de ferro”, ou seja, essa ciência consiste na análise minuciosa das variáveis envolvidas com a produtividade: fadiga do trabalhador, força do trabalhador, adequada seleção de pessoal etc. (TAYLOR, 1995). Taylor defende a colocação da pessoa certa no lugar certo, ideia até hoje utilizada em larga escala nas organizações.

Ao analisar os princípios da Administração Científica de Taylor (1995), pressupõe-se que estes elementos nada mais são do que apropriações de instrumentos (não necessariamente científicos), meramente importados de um ramo da ciência para outro, tal como Pêcheux (2011b) critica na formação do campo da Psicologia Social, que houve



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

importação de conhecimento de outras ciências, na Administração ocorre algo similar. Os princípios científicos propostos por Taylor (1995) seguem a noção de ciência da área de exatas, buscando prever e determinar como será o comportamento humano e definir meios para controlá-lo e aumentar a eficiência produtiva da fábrica. O estudo dos tempos e movimentos de Taylor busca a previsão das ações, tal como os experimentos feitos no campo da física e da química. Segundo Pêcheux (2011b, p. 50) “os instrumentos são encontrados pelas ciências, sob sua forma técnica, e elas os re-inventam sob sua forma científica (...)”, e a serviço de uma ideologia.

Em dimensão similar, Fayol (1994 [1916], p. 26) aponta que “administrar é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar”. O autor defendia que a Administração, por mais flexível a cada tipo de organização, é regida por princípios, que nada mais são do que regras de comportamento. Fayol (1994) enunciou 14 Princípios Administrativos, pregando, sobretudo, a hierarquia e a unidade de controle; diferenciando-se de Taylor ao mostrar um olhar diferente sobre os trabalhadores, admitindo que eles tivessem outros interesses além do salário.

Segundo Motta (1986), neste período surge a distinção entre os que pensam e os que realizam o trabalho, característicos do modo de produção capitalista. A ética protestante, introduzida na Administração por Taylor e estudada por M. Weber (1864-1920) encaixa-se perfeitamente ao novo contexto econômico e industrial, favorecendo a consolidação do taylorismo, primeiramente nos Estados Unidos e depois tornando o modo de produção mais empregado no mundo na primeira metade do século XX. O pensamento é então fundamentado na ideia de que a harmonia privilegiaria tanto os trabalhadores quanto os empregadores, sendo a ciência a grande responsável pelo fim do conflito industrial.

Taylor estudou o trabalho pesado, não qualificado, com a pá, trabalho de fundição e de pedreiro, daí sua preocupação com a fadiga muscular e seu desconhecimento da fadiga nervosa. Alia-se a uma visão negativa do homem, na qual os indivíduos nascem preguiçosos e ineficientes, infantilizados e com baixo nível de compreensão. Com essa visão do homem, ele define o papel monocrático do administrador (TRAGTENBERG, 1971, p. 17).

Além disso, a separação entre direção e execução, juntamente com a ideia de unidade de comando, acentuação do formalismo na organização e a visão da administração como tendo os mesmos objetivos dos operários, definem o *ethos* burocrático taylorista, corroborado por Fayol (TRAGTENBERG, 1971). O sistema taylorista defende, sobretudo, uma maneira preconizada de desempenhar as tarefas nas organizações, com o discurso de que assim o trabalho fica mais coordenado e organizado. Isso porque as organizações dependiam muito da iniciativa do trabalhador, uma vez que a alta administração não conhecia o trabalho executado pelos operários, ficando a cargo destes definirem a forma de executar as tarefas (TAYLOR, 1995).

Na realidade, o taylorismo tem por função essencial passar, para a direção capitalista do processo de trabalho, os meios de se



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

apropriar de todos os conhecimentos práticos, que, de fato, até então, eram monopolizados pelo operário (MOTTA, 1986, p. 62)

O taylorismo, portanto, não se constitui somente num estudo técnico de tempos e movimentos, mas sim num ideal formativo de personalidade humana, em suma, uma visão do mundo (TRAGTENBERG, 1971). Porém, fundamentada em um período de busca constante pela acumulação de capitais, surgem os problemas relacionados às pessoas nas empresas, e com isso ganha espaço a Teoria das Relações Humanas, com E. Mayo (1880-1948) (TRAGTENBERG, 1971). Mayo centralizou seus estudos no relacionamento dos trabalhadores entre si, especialmente com relação ao impacto da satisfação não-econômica na produtividade.

Coordenada por Mayo, a Experiência de Hawthorne, na fábrica de Western Electric nos Estados Unidos, teve como objetivo detectar de que modo os fatores ambientais influenciavam a produtividade dos trabalhadores, representando o início dos estudos com ênfase no ser humano na Administração. Ao contrário dos fundamentos técnicos utilizados em pesquisas anteriores, estes remetem a um maior aprofundamento em assuntos sociais e subjetivos, como a influência psicológica na produção (HOMANS, 1975 [1951]).

Segundo Tragtenberg (1971), os dilemas da sociedade industrial, assim como as inconsistências da Escola de Relações Humanas são criticadas pela Escola Estruturalista, que teve origem na Alemanha, com base nas teorias de Marx. A análise estruturalista focaliza as tensões e conflitos organizacionais. Neste período, lembramos também dos estudos de Weber, que, ao focar nos indivíduos e não nas organizações, destacou-se pelas abordagens referentes à burocracia e poder (MOTTA, 1986). Estes conceitos de Weber são amplamente utilizados nos estudos em Administração, muitas vezes por meio de ideias deturpadas aos objetivos organizacionais; como por exemplo, as disfunções da burocracia, trazidas por alguns autores, são citadas como “modelos teóricos”, não seguindo, contudo, a lógica analítica de Weber.

A crítica à Escola das Relações Humanas se contrapõe às suas premissas por considerá-las como manipulativas aos operários, tendo em vista somente os interesses da Administração. Para Tragtenberg (1971), Mayo não se diferencia de Taylor e Fayol, uma vez que subestimava o conflito, negava o peso dos fatores econômicos e tinha a tendência a encarar as relações industriais como relações interindividuais, desconhecendo as tensões entre a personalidade e a estrutura da organização formal.

Para Mayo não existe conflito entre o indivíduo e a organização, e o consenso deve ser buscado. Ao defender a cooperação, o autor usa da persuasão, por meio da comunicação da administração para atingir os grupos informais dentro das organizações. Para tanto, utiliza-se de consultas e ferramentas de pseudo-participação, uma vez que a decisão burocrática é monocrática e só há um fluxo de comunicação (TRAGTENBERG, 1971).

Apesar disso, segundo Tragtenberg (1980), a Escola Clássica era ainda menos alienada, uma vez que considerava apenas o interesse financeiro dos trabalhadores e não sua moral. Para Flores (2006), esta Escola utiliza da autoridade para atingir a harmonia,



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

assim como a Escola das Relações Humanas busca pelo domínio psicológico, utilizando-se de elementos da Psicologia Comportamental para fundamentar suas ações, e, de forma cínica, com um discurso de preocupação com o trabalhador.

Com relação à organização nas indústrias, enfatiza-se o papel da disciplina, além da presença forte da hierarquia, com isso, acentua-se o paralelismo com as organizações militares, objeto de estudo de Weber. O uso de mapas e planos assemelha-se às estratégias de marketing, além do planejamento de transporte, a divisão do trabalho e o uso de uniformes, que podem ser comparados à mecanização que se dava antes na área militar e posteriormente na manufatura industrial (TRAGTENBERG, 1971), tudo isso pregado em prol de uma melhor organização nas empresas, caracterizando um discurso do profissionalismo aliado ao comprometimento. “Por influxo de um militar, Napoleão III, foi oferecida uma recompensa a quem inventasse um processo barato para o aço, capaz de suportar a força explosiva de novas bombas. Daí surgiu o processo Bessemer” (TRAGTENBERG, 1971, p. 18), ou seja, qualquer semelhança com os atuais ‘Programas de Ideias’ não é mera coincidência.

Este engajamento dos trabalhadores às organizações é fundamental, uma vez que sem os trabalhadores o sistema capitalista não existiria, pelo menos não com tal força. Por isso, a questão da disciplina da força de trabalho e o controle dos trabalhadores ganha relevância nos estudos da Administração. Isso porque o trabalho assalariado também caracteriza o capitalismo, tanto que “Marx, assim como Weber, põe essa forma de organização do trabalho no centro da definição do capitalismo”. Dessa maneira, uma parte da população que não possui capital ou o tem em pequena quantidade extrai rendimentos da venda da sua força de trabalho, uma vez que não dispõe de meios de produção, dependendo assim das decisões daqueles que os possuem (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 37).

A Escola das Relações Humanas desponta principalmente devido à necessidade de se ter um ponto de união em que se combinam as exigências políticas e funcionais da empresa. Além disso, as descobertas de Mayo, de que a atitude do empregado perante seu trabalho e a natureza do grupo do qual ele participa afetam diretamente a sua produtividade (TRAGTENBERG, 1971), trouxeram benefícios às empresas e, por isso, ganharam importância dentre as teorias da Administração.

Mayo partiu da análise de pequenos grupos segmentados do conjunto fabril, este isolado da sociedade industrial, valorizando o papel do consenso do pequeno grupo para produzir mais, minimizando o papel da autoridade na indústria, o que leva o administrador da Escola de Relações Humanas a um "humanismo verbal" e à necessidade, às vezes, de recorrer à autoridade formal para satisfazer as quotas de produção exigidas (TRAGTENBERG, 1971, p. 19).



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Entretanto, a cooperação dos trabalhadores reside na aceitação das diretrizes da administração, encobrindo as situações de conflito nas organizações, ou seja, segue-se uma linha clássica taylorista (TRAGTENBERG, 1971). Deste modo, a contenção direta de Taylor é substituída pela manipulação de Mayo (MOTTA, 1986).

Segundo Tragtenberg (1971), a Escola Estruturalista, na sua crítica à Escola de Relações Humanas, mostra que o conflito industrial não é um mal em si, cabendo manejá-lo construtivamente. Neste sentido, destaca-se também o papel de M. P. Follett (1868-1933), uma das introdutoras das ideias democráticas nas organizações (dar poder e responsabilidade aos trabalhadores) e do conceito de conflito construtivo, ou seja, de usar o conflito a favor da organização.

Negativamente, a Escola das Relações Humanas aparece como uma ideologia manipulatória que acentua a preferência do operário pelos grupos informais fora do trabalho, quando na realidade, o operário sonha com a maior satisfação: largar o trabalho e ir para casa. Valoriza este sistema símbolos baratos de prestígio, quando o trabalhador prefere a estes, melhor salário. Essa Escola procura acentuar a participação do operário no processo decisório, quando a decisão já é tomada de cima, a qual ele apenas reforça (TRAGTENBERG, 1971, p. 20).

Para Tragtenberg (1971), as categorias que formaram a base da Teoria Geral da Administração são históricas, pois respondem a necessidades específicas do sistema social capitalista. Na mesma direção, Pêcheux (2011b, p. 43) também afirma que “as ciências sociais consistem, em sua forma atual, na aplicação de uma técnica a uma ideologia das relações sociais, o conjunto complexo em aplicação tendo por fim responder à demanda social”.

Assim, a ciência e, conseqüentemente, o ensino em Administração foi elaborado para que o administrador fosse capaz de manejar técnicas destinadas a obter o máximo de rendimento dos recursos, sejam eles materiais ou humanos (BICALHO; PAES DE PAULA, 2009). Por isso, segundo estas autoras, a ideologia da Administração é inculcada no sujeito, uma vez que impõe a ele a necessidade de se adaptar ao mundo administrado e competitivo, buscando se enquadrar no modelo estabelecido sócio-historicamente, a fim de evitar a exclusão do mercado de trabalho.

Evidenciamos, ainda, que a constituição do discurso da Administração como ciência se dá nos moldes do que Pêcheux (2011) chamou de interdiscurso, ou seja, utilizando-se como base uma formação discursiva dada, importada (“meta-forizada”) aos seus interesses; conforme observado nos estudos de Taylor (apropriação de “métodos científicos” em prol da produtividade), de Weber (distorções dos conceitos originais do autor, não desenvolvidos para as organizações), da Psicologia Comportamental (utilização de teorias *behavioristas* na Escola das Relações Humanas), entre outros conceitos



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

apropriados pela Administração com foco em sua ideologia capitalista, disfarçada de “filosofia do *management*”.

Outra característica da “ciência” da Administração é que se trata de uma área do conhecimento de caráter geográfico, uma vez que ela se constitui especialmente nos Estados Unidos e, com isso, traz consigo, um modo imperialista na sua formação discursiva. Como se as técnicas lá desenvolvidas e utilizadas fossem as mais corretas, o único e melhor caminho (“*thebestway*”, nas palavras de Taylor) de administrar.

Reflexões preliminares

A Administração, como uma ciência social aplicada, para se constituir em um corpo teórico e limitado em seu alcance epistemológico, teve que ser sustentada por uma ciência (convenientemente) ingênua e também ideológica (FLORES, 2006). A teoria geral da administração é, portanto, ideológica, pois traz em si a ambiguidade deste processo, vinculando-se às determinações sociais reais, enquanto técnica (de trabalho industrial, administrativo, comercial), e afasta-se dessas determinações sociais reais, compondo-se num universo sistemático, organizado, refletindo deformadamente o real, enquanto ideologia (TRAGTENBERG, 1971). Além disso, para o mesmo autor, seu conjunto de teorias é dinâmico, mudando com as formações socioeconômicas, logicamente a serviço dos interesses de determinados setores da sociedade que possuem poder político e econômico.

Dentre as premissas gerais para a emergência do capitalismo está a contabilidade racional – como norma para as necessidades diárias das empresas sejam satisfeitas –, além da estrutura da propriedade privada dos meios de produção, da técnica, do direito, da estrutura administrativa da burocracia e do *ethos*, reforçado pelo trabalho e esforço contínuos (TRAGTENBERG, 1971). Dessa maneira, assim como os capitalistas se veem presos ao processo infundável de reinvestimento de seu capital, de busca pelo lucro para satisfação das suas necessidades de consumo, os assalariados também estão envolvidos na acumulação capitalista, que ocorre para ambos, mesmo que em graus desiguais. Necessita-se, assim, de certa dose de empenho destes atores, que pressupõe cada vez mais uma adesão ativa, iniciativas e sacrifícios livremente assumidos por estas pessoas, que mesmo desempenhando diferentes papéis, movem e alimentam este sistema (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

Para isso, existem argumentos alegáveis a este esforço não só para convencê-los da sua participação, como também para enaltecer as vantagens coletivas que ele proporciona e, segundo Boltanski e Chiapello (2009), esta ideologia, que justifica o engajamento no capitalismo, nada mais é do que o “espírito do capitalismo”, corroborada nos estudos em Administração. E, ainda que o capitalismo esteja passando por uma crise, principalmente devido ao ceticismo e à perplexidade social crescente, este sistema supõe a formação de um conjunto ideológico mobilizador, pelo menos nos países considerados mais desenvolvidos, nos quais se busca manter a sua posição de centro e assim se justifica. O capitalismo, entretanto, precisa “alimentar” as pessoas com certas garantias – não só de sobrevivência, mas de segurança para viver, formar família, ter filhos etc. – e por isso é



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

um elemento fundamental “na mobilização ideológica mundial de todas as forças produtivas” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 39).

Estes conteúdos ideológicos, por sua vez, existem em continuidade com as práticas técnica e política, o segredo que cerca a ideologia tem, portanto, alguma coisa a ver com as próprias práticas, em seu desenvolvimento próprio e em suas relações recíprocas. Com isso, ainda segundo Pêcheux (2011, p. 29), necessitamos interrogar estas práticas técnica e política, para que tenhamos subsídios para tratar dos problemas das ciências sociais, dentre elas, a Administração, uma vez que a ideologia se configura como um “subproduto da prática técnica (matéria-prima sobre a qual ela se aplica; instrumentos que ela utiliza; produto técnico obtido);[e] a prática técnica demanda da prática social”.

Dentro deste contexto, observa-se que o sistema capitalista precisa de aliados ao engajamento na sua ordem, uma vez que este “sobrevive” a partir do empenho de seus atores, que se movem devido à crença em uma ideologia. As ciências sociais, para Pêcheux (2011b), não são simplesmente técnica, tampouco somente ideologia, mas um manter-determinação de uma técnica e de uma ideologia concernente às relações sociais. Conclui-se, deste modo, que a constituição da Administração como ciência é sim ideológica, mas não só por ser suscetível a diferentes interpretações, ainda que em se tratando de um mesmo objeto, mas também pela insistência de esconder o sentido que fundamenta seu discurso; além disso, as teorias ditas contrárias a ordem capitalista dominante não ganham devido espaço e legitimidade neste campo. Por isso, uma análise do discurso da Administração é não apenas intrigante, mas também necessária, para que se possa analisar devidamente o papel político e social desta ciência ideológica.

Este ensaio teve por objetivo fazer uma reflexão inicial sobre a formação da área de Administração com ciência ideológica, buscando como base para discussão os textos de Pêcheux que discutem a formação ideológica nas ciências sociais e suas implicações para a prática científica. A discussão introduzida está longe de se esgotar, até porque a análise centrou-se apenas nas primeiras obras da área de Administração, que hoje, apesar de manterem-se ligadas a matriz ideológica deste campo de conhecimento, são consideradas superadas dentro do quadro teórico da área, onde predominam o funcionalismo sistêmico. Assim, esse debate pode ser ampliado para os autores e trabalhos posteriores (WOODWARD, 1968; BURNS; STALKER, 1968; LAWRENCE; LORSCH, 1973 [1967], por exemplo) bem como para analisar quadros teóricos de temas específicos tais como estratégia, comportamento do consumidor, carreira, competências, aprendizagem organizacional, modelos de produção, entre outros tantos.

Referências

BACHELARD, Gaston. **Filosofia do novo espírito científico**: a filosofia do não. 2.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

BICALHO, Renata A.; PAES DE PAULA, Ana Paula. Empresa Júnior e a Reprodução da Ideologia da Administração. In: II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 2, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2009.



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O Novo Espírito do Capitalismo**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 [1999].

BURNS, Tom; STALKER, G.M. **The management oi innovation**. Tavistock Publications, 1968.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 2000 [1637].

FAYOL, Henri. **Administração Industrial e Geral**. São Paulo: Atlas, 1994 [1916].

FLORES, Rafael K. Acerto de contas com a Administração: uma reflexão a partir de Tragtenberg, Motta e Guerreiro Ramos. In: IV ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2006.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações** - uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Administração e Contexto Brasileiro**: esboço de uma teoria geral da administração. Rio de Janeiro, 2ª edição; FGV, 1983.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996 [1965].

HOMANS, George. As pesquisas na Western Electric. In: BALCÃO, Yolanda; CORDEIRO, Laerte. **O Comportamento Humano da Pessoa**. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998 [1962].

LAWRENCE, P. R.; LORSCH, J. W. **As Empresas e o Ambiente**. Ed. Vozes. Petrópolis, 1973 [1967].

MANNHEIM, Karl. O problema de uma sociologia do conhecimento. In: MANNHEIM, K.; MERTON, R. K.; WRIGHT MILLS, C. **Sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967 [1964].

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986 [1929].

MOTTA, Fernando P. **Teoria das organizações**: evolução e crítica. São Paulo: Pioneira, 1986.

PÊCHEUX, Michel (Thomas Herbert). Observações para uma teoria geral das ideologias. **Revista Rua**, n. 1, p. 63-89, 1995 [1967].

PÊCHEUX, Michel (Thomas Herbert). Metáfora e Interdiscurso [1984]. In: **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2011, p. 151-161.



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

PÊCHEUX, Michel (Thomas Herbert). Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da Psicologia Social [1966]. In: **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por EniOrlandi. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2011b, p. 21-54.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo, Cortez, 2003.

SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. **Ling. (dis)curso**, vol.9, n.1, p. 157-180, 2009.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1995 [1911].

TRAGTENBERG, Maurício. A Teoria Geral da Administração é uma Ideologia? **Revista de Administração de Empresas**, 11(4), p. 7-21, out./dez. 1971.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ática, 1980 [1974].

WOODWARD, Joan. **Industrial organization: theory and practice**. Oxford University Press, 1968.

WEBER, Max. **Sobre a teoria das ciências sociais**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.